



## **Rádio Escola: Um Instrumento De Construção Da Cidadania<sup>1</sup>**

Fernanda Rodrigues da Cruz<sup>2</sup>

Susana Tebaldi Toledo<sup>3</sup>

Rosane Rosa<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O presente artigo possui como temática a rádio escola e o exercício da cidadania e como metodologia a educomunicação, que une dois campos do saber – a comunicação e a educação – tendo como foco o processo e a ação. Objetiva-se relatar a experiência de uma oficina de rádio na Escola Estadual Érico Veríssimo, localizada na periferia de Santa Maria – RS. Participaram alunos de quarta a sexta série do Ensino Fundamental e os encontros tiveram uma abordagem teórico-prática sobre o meio radiofônico e a temática dos direitos humanos voltados ao cotidiano. A atividade proporcionou uma troca dialógica de experiências, a qual foi de suma importância tanto para os alunos, quanto para os acadêmicos envolvidos no processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação comunitária; rádio escola; cidadania.

### **INTRODUÇÃO**

No passado recente, educação escolar e comunicação eram consideradas áreas diferentes, com especificidades próprias, como os papéis e funções desempenhadas. Porém, a ciência adaptou-se a realidade, e às necessidades da sociedade, criando-se assim um campo que une essas duas áreas: educomunicação, que, embora pareça mera junção de educação e comunicação, na realidade, os pesquisadores destacam de modo significativo, um terceiro termo, a *ação*.

O domínio da educomunicação, mais do que um objeto a ser investigado, é um campo de relação *de e entre* saberes, sendo um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes. Uma maneira de unir a educação e a comunicação, de forma participativa, é através da rádio escola, a qual se pode considerar um potencial espaço de intervenção social, unindo esses dois conceitos em um campo interdiscursivo e interdisciplinar para a transmissão de mensagens de interesses da comunidade escolar.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Relações Públicas da FACOS-UFSM, email: [susit2@hotmail.com](mailto:susit2@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Relações Públicas da FACOS-UFSM, email: [fer.cruzis@gmail.com](mailto:fer.cruzis@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Coordenadora do Programa “Educação para a Mídia” e do Laboratório Comunicação, Educação e Cidadania. Professora adjunta do Departamento de Comunicação e do POSCOM da Universidade Federal de Santa Maria, email: [rosane.rosa@terra.com.br](mailto:rosane.rosa@terra.com.br)



Justifica-se a relevância desse trabalho, uma vez que a rádio escola, diferentemente da rádio comercial, não possui interesse econômico e potencializa a participação dos cidadãos comuns. Rádio comunitária é o lugar onde os sujeitos tem a possibilidade de expressar o que pensam e o que sentem. Além disso, permite uma maior integração entre diferentes turmas dos colégios, entre alunos e professores, bem como, pode ser considerada uma forma de lazer, de educar e despertar o senso crítico dos alunos em relação aos meios de comunicação dominantes.

A rádio escola pode trazer outros benefícios ao aluno, entre eles: aprender a ouvir a própria voz; produzir conteúdo e responsabilizar-se pelo o que anuncia e comenta; vivenciar, de forma criativa, as etapas de produção, circulação e recepção de mensagens educacionais. Além disso, instrumentaliza-os para comparar criticamente o modo próprio de produzir conteúdos sonoros com o das emissoras comerciais.

Assim, na primeira parte desse artigo aprofunda-se o significado dos conceitos de comunicação comunitária ou alternativa e por fim descreve-se o processo que envolveu a experiência dialógica e participativa da oficina de rádio na Escola Estadual Érico Veríssimo, localizada na periferia de Santa Maria.

## **COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: A CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS ALTERNATIVOS**

Os movimentos populares, as manifestações de classes, a luta pelos direitos de expressão das décadas de 1970 e 1980 afloraram a comunicação popular e alternativa no Brasil. Como afirma Peruzzo (2007) a luta de consecução dos direitos de participação cidadã e melhoria das condições de existência das classes subalternas foram os principais motivos do interesse coletivo de reivindicar, já que esses movimentos populares vinham sofrendo repressões pelo contexto político da época.

Outro fator relevante para expansão da comunicação comunitária e das mídias alternativas foi, como argumenta Festa (1982), que os meios de comunicação de massa estavam nas mãos da burguesia e orientavam-se pela unidirecionalidade, verticalidade e, principalmente, privilegiavam os objetivos e a ideologia das classes dominantes. Nesse cenário, as classes menos favorecidas estavam excluídas dos meios comunicacionais, pois o monopólio da comunicação já se encontrava com a classe elitista.



Passaram-se décadas e o “latifúndio midiático” se consolida, mas cresce a comunicação comunitária que se caracteriza pela participação, produção, democratização e acesso das classes excluídas, pois como afirma Duarte (2009, p.61) esta comunicação de interesse público

[...] coloca a centralidade do processo comunicacional no cidadão, não apenas por meio da garantia do direito à informação e à expressão, mas também do diálogo, do respeito a suas características e necessidades, do estímulo à participação ativa, racional e corresponsável.

Isso significa que a comunicação alternativa está centrada na participação, ou seja, no envolvimento dos sujeitos, desde a produção até o consumo das mensagens, pois como apresenta Teobaldo (2008, p.162) “O cidadão precisa ter consciência da necessidade de compartilhar ativamente das discussões de sua comunidade, seja qual for a forma adotada na defesa dos interesses da sociedade”. É nesse processo que os indivíduos constroem e exercitam a cidadania, ou seja, através da ação coletiva e da participação nos movimentos sociais.

Neste cenário de participação e mobilização, possibilita-se o surgimento de mídias alternativas, dentre elas, destacam-se as rádios poste, as rádios comunitárias e mais recentemente, as rádios escola. Essas mídias, utilizadas pela comunidade, estão à disposição dos que queiram produzir conteúdo de interesse coletivo e que atendam às demandas sociais.

Neste contexto, acredita-se que o rádio, pelo baixo custo e por disponibilizar maior aproximação e agilidade, é o veículo mais adequado para atender, eficazmente, às necessidades da comunidade e gerar um impacto concreto na construção e exercício da cidadania bem como no respeito aos direitos humanos.

Neste aspecto, reporta-se a Roquete Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – a primeira rádio brasileira -, antropólogo, etnólogo e escritor, ele acreditava que a principal missão do rádio era transmitir educação e cultura para os brasileiros espalhados por todas as regiões do país, principalmente às que não tem acesso à educação. Esse ideal foi dificultado, pois no início era um veículo elitista, dirigido por intelectuais e cientistas, com pouco alcance nas classes populares.

Em 1932, passou-se a enfatizar o aspecto comercial do rádio em detrimento do educacional, o Brasil adotou o modelo norte-americano de radiodifusão e distribuição de concessões de canais particulares. Segundo Ortriwano (1985), essa expansão da



radiodifusão foi favorecida pelo contexto político e econômico da época, onde o comércio e a indústria ganhavam força e precisavam introduzir seus produtos no mercado interno, incentivando o consumo.

Com o passar do tempo, o rádio comercial continua pautado no modelo clássico, como argumenta Prado (1989 p.18) “Em sua organização tradicional, o rádio utiliza o esquema comunicativo clássico: emissor – meio - receptor. Este esquema é unidirecional, vertical e hierárquico, características estas que impedem a comunicação”.

Apesar desses impedimentos, o rádio se caracteriza como um meio de comunicação de massa que possibilita multiplicação de mensagens a um grande público, formando conceitos, valores, modos de vida que, de alguma forma, afetam o receptor. Kucinski (2009) comenta que mais do que a família, a escola, a religião, é a comunicação de massa que estrutura valores, hábitos, códigos e consensos de cada sociedade e da sociedade global.

Além disso, o rádio é um meio de comunicação de fácil acesso, rápido, democrático, que atinge indivíduos analfabetos, pois se caracteriza apenas pelo som, estimulando a imaginação. Nesse macroambiente, existem diversos tipos de emissoras, além das comerciais, dentre elas, rádio escola e rádio comunitária. A partir da década de 70, a história do Brasil tem sido alterada com o surgimento de várias experiências em comunicação popular, como rádios livres, comunitárias e educativas.

As rádios comunitárias<sup>1</sup> são associações sem fins lucrativos, que prestam serviço à comunidade na qual estão inseridas. Caracterizam-se pela frequência modulada de baixa potência (25 watts) e cobertura restrita a um raio de um quilômetro a partir da antena transmissora. Apesar do limitado alcance, possuem uma natureza pluralista, ou seja, toda comunidade pode participar.

Já as rádios escola são projetos que se utilizam da mídia radiofônica nos espaços educacionais, onde os alunos e professores passam a ser produtores de conteúdos sonoros e não apenas consumidores, contribuindo para a dinâmica da realidade escolar bem como no exercício da cidadania comunitária. A principal característica dessas rádios é a democratização do acesso, pois todos têm o direito de participar comunicacionalmente das ações e decisões que afetam a comunidade onde estão inseridos, pois, como argumenta Barbeiro (2003), esses veículos devem comprometer-se com o interesse público, considerando o ouvinte um cidadão.

---

<sup>1</sup>Foram aprovadas pela Lei 9.612 de 1998, regulamentada pelo Decreto 2.615 do mesmo ano.



Esses meios de comunicação alternativos devem primar pelo acesso de todos os cidadãos, porque o conhecimento das informações é fundamental para os indivíduos se tornarem mais críticos, conscientes de seus direitos e participarem ativamente da esfera social, como defende Gentili (2005, p.128):

[...] a informação é uma porta de acesso para os outros direitos: numa sociedade de massas modernas, o acesso à informação [...], por parte do cidadão, pode potencialmente vir a consistir num direito que assegura outros direitos, confere condições de igualização de sujeitos e oferece visibilidade ao poder e ao mundo.

Nesta perspectiva, o acesso à informação é o primeiro direito que rege o cidadão, já que, a partir dele, adquire-se conhecimento e consciência sobre os demais. A transmissão de informações, por exemplo, através da rádio escola, é de suma importância para o crescimento coletivo, a fim de que tenham conhecimento e reivindiquem seus direitos humanos e de cidadania.

Como veículos de comunicação de interesse público não devem ser orientados por um grupo específico, que domine a produção de conteúdo. Devem reger os princípios e interesses da comunidade onde estão inseridos. Essa conexão entre rádio e sociedade é descrita por Mcleish (2001, p.20) quando afirma que a rádio

Atua como um multiplicador, acelerando o processo de informar a população; fornece informações sobre empregos, produtos e serviços, ajudando assim a criar mercados com o incentivo à renda e ao consumo; atua como vigilante sobre os que detêm poder, propiciando o contato entre eles e o público.

Essas multifunções sociais remetem à visão de Habermas (1987) quando defende que é através de informações veiculadas democraticamente que a mídia constrói uma “esfera pública participativa”, e não privilégio de uma minoria. Nessa esfera o povo deve ter acesso às informações de seu interesse para que possa exercer seus direitos, manifestar suas opiniões e participar do processo de decisões comunitárias. Devem orientar-se para uma esfera pública comunitária e pluralizada.

Observa-se no cotidiano que este ideal de esfera pública é mais objetivado nos meios alternativos do que nos comerciais. Assim, destaca-se a importância dos meios alternativos e mais especificamente a rádio comunitária e a escolar pelo seu papel na comunidade. Significa um espaço de debate, defesa e legitimação dos interesses de uma grande parcela da população que não tem voz ativa nos meios de comunicação de massa. Garcia (1997), explica melhor o significado dessas rádios, que representam a voz da comunidade fazendo-se ouvir, procurando uma resolução para os seus problemas,



com vistas a um avanço social. Dessa forma, a comunidade pode exercer a cidadania, mobilizar-se, reivindicar direitos e qualificar sua condição de vida.

Neste sentido, a rádio comunitária bem como a rádio escola possibilitam dinamizar e estreitar a convivência, democratizar o direito humano da comunicação e valorizar a cultura e os acontecimentos locais de uma determinada comunidade. De acordo com o Ministério das Comunicações

A rádio comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. (apud SANTOS 2007, p.02)

A partir das rádios comunitárias, o ouvinte pode passar a ser um “receptor-produtor”, pois não só recebe informações, como também pode produzir conteúdos para transmitir pela rádio. Assim, podemos dizer que o rádio alternativo é um desencadeador do processo de conquista da cidadania. É a partir do momento que o indivíduo passa a participar da construção e transformação da sua realidade que estará desenvolvendo sua identidade cidadã.

Portanto, apesar do monopólio da informação que detém a hegemonia da comunicação de massa, existem grupos e movimentos sociais que lutam para ampliar o acesso ao direito da comunicação. Como lembra Peruzzo (1998, p.148):

[...] estão construindo algo de ‘novo’, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e por um ‘quefazer’ democrático, num novo espaço de ação política, e contribuem assim, para a elaboração de outros valores.

Este esforço pela autonomia por um espaço de ação política engloba também o ambiente escolar. Um exemplo é o Projeto *Radio Visão*, instalada em 1986, na Escola Técnica Estadual Professor João Barcelos, da cidade de Campos – RJ. É constituída por alunos do Ensino Fundamental e Médio das escolas estaduais, que produzem a programação e debatem temas pertinentes às suas comunidades. Outro exemplo é o Projeto *Cala Boca Já Morreu* que se originou de um projeto de Educação pelos Meios de Comunicação, criado em 1995 e desenvolvido até 2003 como uma atividade sem fins lucrativos, em 2004, o Projeto se constitui em uma organização não-governamental, atendendo inicialmente a crianças, o Projeto se estendeu também a adolescentes e jovens, oferecendo aos participantes oficinas de rádio, jornal impresso, vídeo e internet, tendo por objetivo ensinar-lhes novas linguagens e tecnologias e, com elas, a produção de informação. Explica Assumpção (1999, p.48) que o objetivo desta ação é “integrar os



meios de comunicação social à prática da sala de aula de escolas [...] de modo a possibilitar que professores se reconheçam como autores do processo pedagógico”. Em decorrência, os alunos são beneficiados melhorando a dinâmica e a qualidade de ensino.

A rádio escola fortalece o processo de ensino e aprendizagem e o protagonismo dos sujeitos envolvidos. Com esse princípio de aliar educação e comunicação, Carleane afirma que

[...] a união da rádio comunitária e a educação permite e fortalece que o indivíduo, consciente do seu papel e função social perceba que os conhecimentos adquiridos na escola são vivenciados e reforçados no seu cotidiano. (apud SANTOS, 2007, p. 02)

Nesta perspectiva, destaca-se a importância dessas esferas estarem interligadas, pois possibilita o protagonismo docente e discente, instigando-os a produzir conteúdos sonoros, fomentando habilidades de interpretação, dicção, leitura e comunicação, além de todo envolvimento coletivo que esse meio proporciona. Alargando essa conexão aos demais meios de comunicação com a escola e o cotidiano, tem-se o conceito de educomunicação, segundo Baccaga

[...] a construção do campo da Educomunicação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes é uma tarefa complexa que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como educadores primeiros, atuando junto com a escola, e é por meio deles que se passa a construção da cidadania. (apud. FERNANDES, 2002, p. 23).

Apesar deste contexto midiático, alguns educadores ainda encontram dificuldades em reconhecer e utilizar os meios de comunicação para dinamizar, diversificar e complementar o processo de ensino-aprendizagem. Neste aspecto, o alerta de Zeneida (2008, p.51), é pertinente

[...] a escola precisa urgentemente ultrapassar os limites de seus muros e levar as mídias para dentro das salas de aula. O rádio ocupa, neste aspecto, lugar privilegiado por ser um meio de fácil acesso à população e menos oneroso em comparação às outras mídias. Ele continua presente na maioria dos lares brasileiros, nas grandes cidades e áreas rurais, por ter alto potencial de penetração e aceitabilidade.

Nas escolas que utilizam meio radiofônico, percebe-se o potencial de aceitabilidade, principalmente, por parte do público infanto-juvenil. Possibilita o exercício do direito à liberdade de expressão.



Baltar et al.(2009, p.27) sugere a construção de mídias próprias e adequadas a cada comunidade escolar e enfatiza as diferentes fases e sujeitos que devem integrar esse processo

Uma mídia da escola que se configure como decorrência de atividades significativas de linguagem, em que os sujeitos envolvidos em sua construção (estudantes, professores, pais e funcionários) possam agir como atores capazes e responsáveis, decidindo como e, sobretudo, o que querem comunicar: a pauta, os tipos de programas, o formato dos quadros, as trilhas sonoras, os gêneros de texto, as estratégias de locução, etc.

O autor destaca a importância da participação de toda comunidade escolar ao longo desse processo educacional. Já Zeneida (2008, p.15) alerta para a necessidade de a programação ter um cunho pedagógico

Com Rádio-escola, conscientizam-se de seu verdadeiro papel na sociedade porque participam do contexto social (com a produção de textos escritos e orais) ao transmitirem programas educativos-culturais e informativos aos colegas. A Rádio-escola propicia ao aluno um olhar amplo sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento de seus direitos e deveres. Como produtor e apresentador de programas de Rádio-escola, o aluno pesquisa e lê mais, ampliando sua visão de mundo, além de aprender a debater, questionar e discutir, configurando assim, o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de desenvolvimento da cidadania.

O desenvolvimento destas práticas educacionais auxilia na construção identitária de cidadãos com uma visão ampliada de mundo, mais comprometidos, engajados e socialmente responsáveis, principalmente no âmbito escolar, onde estão inseridas as pessoas em fase de crescimento, aprendizado e desenvolvimento pessoal. Sendo assim, acredita-se que, como sugere Zeneida (2006) necessita-se observar que a escola deixou de ser legitimadora do saber e precisa, além de respeitar a bagagem cultural que o aluno traz para a sala de aula, decorrente, especialmente, das tecnologias da comunicação e informação precisa também se comunicar no espaço escolar e pedagógico de forma complementar. Nesse processo, a Rádio escola pode ser um espaço para o exercício coletivo dos alunos para exercício da cidadania, construção e disseminação crítica do conhecimento e da cultura cotidiana e midiática.

Portanto, é com o intuito de empoderar a comunidade escolar para o exercício da cidadania que a rádio está presente, desenvolvendo muito mais que o lado educacional, mas também o lado pessoal, e a consciência coletiva focada no respeito aos direitos humanos, ou seja, transformação da esfera social onde está inserida.



A seguir, relata-se a experiência dos autores vivenciada na oficina de rádio escola desenvolvida na cidade de Santa Maria – RS.

## **RÁDIO ESCOLA NA PRÁTICA**

Na disciplina de Mídias e Políticas Públicas, do curso de Comunicação Social – Relações Públicas, da UFSM, no primeiro semestre de 2011, ministrada pela Professora Rosane Rosa, foi solicitado aos acadêmicos que se integrassem ao *Programa Educação para a Mídia*, desenvolvendo um projeto em escolas da cidade de Santa Maria. A partir dessa proposta, escolheu-se a Escola Érico Veríssimo, localizada na periferia da cidade de Santa Maria, para trabalhar a oficina de rádio, visto que esta, já havia solicitado tal projeto.

Previamente ao início das oficinas, houve uma reunião entre os acadêmicos – alunos de Relações Públicas - e o Diretor da Escola, pois havia muita expectativa para o início do projeto.

Na primeira semana de abril de 2011, iniciou-se a oficina de rádio escola com um momento de integração entre os alunos participantes – alunos de quarta a sexta série do Ensino Fundamental - e os acadêmicos da UFSM. Houve uma apresentação dos integrantes e da proposta da oficina seguida de uma dinâmica de integração, também foi servido um *coffee break*. Na sequência, apresentou-se o vídeo “Largue sua Voz” - que aborda o monopólio dos meios de comunicação e a importância de se criar veículos alternativos que contemplem a participação popular. Ao longo do encontro, foi possível observar, na expressão facial das crianças e adolescentes, o estranhamento misturado com a empolgação.

Nas duas semanas seguintes, trabalhou-se noções gerais de rádio, como histórico, funções e equipamentos. Além disso, abordou-se a temática dos Direitos Humanos. Os alunos estavam bastante curiosos acerca dos conteúdos dos próximos encontros, querendo produzir logo algo prático. Assim, foi proposta redação, em duplas, da primeira notícia, sendo que um dos alunos transmitia no microfone. Um fato curioso foi que todos desejavam transmitir a notícia no microfone, só não queriam que os demais alunos os ouvissem, por sentirem vergonha. Esse sentimento foi trabalhado pelos monitores ao longo dos encontros.

Na continuidade abordou-se conceitos muito utilizados em rádios, tais como *spots*, *jingles*, trilha sonora, entre outros. Ensinou-se também a redação do LIDE, ou



seja, um resumo da notícia, que responde às perguntas “quem?” “quando?” “como?” “onde?” “por quê?”, a fim de praticar esse aprendizado, instigou-se os alunos a produzirem conteúdo de tema livre. Neste momento, já se podia observar o quanto os alunos estavam envolvidos com a oficina.

O principal tema trabalhado nas produções sonoras foi os Direitos Humanos e de Cidadania voltado à realidade cotidiana dos participantes. Como se tratava de crianças optou-se por trabalhar principalmente com rádio teatro e historinhas.

Após um mês de trabalho teórico-prático, decidiu-se transmitir o conteúdo produzido, através da rádio escola, como notícias, spots, rádio-teatro e historinhas. Os próprios alunos faziam as transmissões, auxiliados pelos acadêmicos, fazendo com que os mesmos sentissem prazer e confiança em participar das atividades propostas.

Ao final do projeto, produziu-se um vídeo com fotos, áudios e trabalhos realizados pelos alunos no decorrer das quarenta horas de oficina. Assim, alunos, professores e direção, reunidos no auditório da escola, puderam conhecer os trabalhos desenvolvidos e o quanto os alunos participantes do projeto haviam se envolvido e aprendido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A rádio escola apresenta-se como uma ferramenta fundamental na formação para os direitos humanos e de cidadania, uma vez que fomenta a construção dos espaços coletivos através da democratização do acesso e da liberdade de expressão. Dessa maneira, atingiu-se o objetivo do projeto que foi proporcionar aos alunos um espaço de reflexão crítica sobre a realidade em que vivem e o mundo que os rodeia à luz dos direitos humanos.

Ao findar essa experiência constatou-se que a prática da educomunicação torna-se alicerce no aprendizado crítico do processo de construção e recepção das mensagens ofertadas pela mídia comercial. Portanto, a educomunicação desenvolve a capacidade de raciocínio e interpretação dos fatos cotidianos, questionando quanto à importância e a veracidade dos acontecimentos noticiados.

Por isso, considera-se que o trabalho desenvolvido foi de grande valia para o empoderamento comunicacional e aquisição do saber midiático por alunos de escola pública.



Através da oficina na rádio escola Érico Veríssimo foi possível acompanhar e constatar a crescente evolução dos alunos no comportamento, na aquisição de conhecimentos, nas interpretações e nas apropriações. Também foi uma oportunidade para os monitores, acadêmicos da UFSM, praticar a teoria estudada em sala de aula, realizando um projeto de extensão de cunho social.

Apesar de algumas adversidades que surgiram durante os encontros, problemas de natureza estrutural, técnica e comportamental que gradativamente foram superados, a experiência foi muito gratificante, visto que foi possível observar e acompanhar o processo de desenvolvimento das crianças.

Portanto, a educomunicação é uma potencial ferramenta na formação escolar para o aprendizado das mídias, contribuindo no crescimento cidadão desses alunos. Entende-se que o projeto desenvolvido ao longo deste semestre pode ser compreendido como um facilitador no acesso e democratização dos meios influenciando no crescimento pessoal e coletivo desses jovens. Mas destaca-se que esse aprendizado é inicial e deve integrar um processo contínuo, por isso, sugere-se que esse trabalho seja o alicerce para outras atividades educacionais que venham a ser realizadas na Escola Érico Veríssimo.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Inês M. **Rádio comunitária na escola: protagonismo adolescente na comunicação educativa**. Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

BALTAR, Marcos. et al. **Rádio escolar: letramentos e gêneros textuais**. Caxias do Sul: Educs, 2009.

BARBEIRO, Hérodoto, LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e Internet**. Rio de Janeiro: Essevier, 2003 – 8º reimpressão.

CHANTLER, Paul, HARRIS Sim; tradução e consultoria técnica Laurinho Lalo Leal Filho. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

DUARTE, Jorge, organizador; KUCINSKI, Bernardo. **Comunicação Pública: Estado, mercado e interesse público**, 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.



GARCIA, Sandra. **Cala a boca já morreu (porque criança também tem o que dizer): um programa para crianças feito pelas crianças e daí surge toda a diferença.** Monografia de conclusão de curso da acadêmica Aline Falco Reis Fernandes, Comunicação, Educação e Mobilização Social. 2002

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as necessidades contemporâneas e o direito a informação.** Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

GIRARDI, Ilza, JACOBUS, Rodrigo, organizadores. **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo.**– Porto Alegre: Revolução de Idéias, 2009.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

SANTOS, Carleane Teles dos. **Artigo Rádio Comunitária e Educação.** 1997

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura.** Petrópolis: Vozes, 1996

SUELI, Sandra. **Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas.** São Bernardo do Campo, São Paulo. Centro de Pós-Graduação da UMES, 1997

ZENEIDA, Alves de assunção. **A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor.** São Paulo: Annablume, 2008.